

# A FACA SOBRE A MESA

PAOLA BARRETO<sup>1</sup>

*Como se faz cinema? Para fazer cinema é simples. É preciso fechar os olhos. Você fecha os olhos e começa a ver pontos de luz. A luz começa a se tornar mais precisa, surgem personagens, a vida se cria. A cabeça funciona, mas não mais que o coração. Há toda uma história que surge de acordo com a direção do vento. E quando você abre os olhos, a história está lá. É muito simples. Toda vez que quiser ver a luz, feche os olhos.*

Djibril Diop Mambéty

<sup>1</sup> Artista visual e professora do Instituto de Humanidades, Artes e Ciências Professor Milton Santos da Universidade Federal da Bahia.

Quando penso o cinema através de África, penso em formas de fazer filmes com o vento, que nos projetam a partir da imaginação radical de outros mundos possíveis. Formas de imaginar de olhos bem fechados e mentes bem abertas, em um diálogo com aquilo que não é da ordem do visível. Penso no convite que nos faz o senegalês Diop Mambéty nas palavras que abrem este ensaio, e imagino jeitos de criar com imagens e de se apropriar do cinema, essa ferramenta cuja invenção é reivindicada pela França, no auge do processo das chamadas “missões civilizatórias” no mundo colonial. Uma invenção que serviu, entre tantas outras histórias, para criar uma imagem de África, uma imagem de “africanos” e de como filmes africanos deveriam parecer.

O Benim, país da costa ocidental africana onde realizei as imagens que compartilho aqui, é um território que tem suas fronteiras traçadas pela França no momento inaugural do cinema, no final do século XIX. A célebre sessão dos irmãos Lumière no Grand Café de Paris acontece no ano seguinte ao da vitória das tropas do General Dodds contra o exército do Rei Gbehanzin, instituindo, já em 1894, o Dahomé Francês e suas iconografias. Esse ensaio não é sobre as relações complicadas entre cinematógrafo, etnografia e colonialidade, mas traz estas dimensões implicadas ao propor imagens de África em movimento, dialogando com história(s) do cinema e seus arquivos que não cabem em certos enquadramentos.



1. Mulheres e crianças no mercado em Ketou, Benim | Acervo pessoal

Na organização dos arquivos que produzi fui assaltada pela lembrança de um slogan da Kodak nos anos 1990: “Não destrua, fotografe”. Parece-me tão estranha essa polaridade entre o ato de destruir e o de fotografar, a fotografia como uma espécie de Ersatz da destruição, como alternativa de lida com o que se deseja possuir da realidade, operando ao mesmo nível do extrativismo ou do colecionismo. Buscar outras vias de habitar com as imagens, no momento da sua tomada e, neste momento de retomada, parece-me fundamental. Cautela com estas cenas e os modos de apresentá-las, nomeá-las, organizá-las; o que cada imagem conta, o que cada imagem esconde, o que cada imagem sugere, o que não é visto, mas está posto? A título de resposta, compartilho fragmentos desta pesquisa, em andamento, sobre modos de ver e enquadrar no Benim, produto parcial de meu estágio pós-doutoral na Universidade de Abomey Calavi, em Cotonou, entre janeiro e abril de 2023, com uma bolsa Capes Print-UFBA.



2. Apresentação de Zangbetó em Ouidah | Acervo pessoal

A cultura vodum caracteriza boa parte do território Àja-tádó, que se estende ao longo do Golfo do Benim, de Lagos na Nigéria a Accra em Gana, passando por Cotonou no Benim e Lomé no Togo. Ainda que a maioria da população atualmente se autodeclare adepta da religião católica, o culto aos voduns familiares permanece como culto doméstico, e o Festival International do Vodum criado em Ouidah, em 1992, pretende fortalecer essa identidade regional. Nesta imagem (Figura 2) vemos a entidade de palha Zangbetó, o guardião da noite. É uma entidade protetora das comunidades e originária da região da capital do Benim Porto Novo. O zelador à esquerda da imagem, atento aos movimentos com sua Dior fake, desafia as lentes do fotógrafo desavisado, que busca, em vão, uma suposta pureza no entorno do ritual. A tradição está atravessada pelo mundo, hoje. O culto está no mundo.

Máscaras foram feitas para serem dançadas, animadas, ritualizadas coletivamente. Quando a câmera se põe a dançar com as máscaras, a imagem que resulta é sempre uma surpresa. Na entrada do Palácio Real de Ketou, o olho da câmera encontra o olho da caça (figura 3).



3. A Festa dos Caçadores arrebatava o povo pelas ruas de Ketou | Acervo pessoal

Atravessar o país de carro é encontrar pessoas e fazer amizades. Conversar e aprender um pouco mais sobre a riqueza dos tecidos e suas significações. As roupas e os modos de utilizá-las compreendem uma linguagem sofisticada e trazem mensagens codificadas, para quem souber ler. “Meu marido é capaz”, “Eu peço a permissão do rei para entrar na corte”, “O cérebro de Kofi Annan” e outros nomes interessantes designam os motivos estampados.





4. Nattan e sua irmã Egide a caminho de um casamento em Abomey | Acervo pessoal



5. Easy Rider na capital Porto Novo  
Acervo pessoal

As roupas tradicionais de algodão estampado dominam a cena, em diversos modelos e motivos. Os tecidos são costurados por homens e mulheres, e usados por pessoas de todas as idades e classes sociais. Essa paixão nacional é na verdade uma identidade cultural criada a partir da relação entre a cultura autóctone e a indústria têxtil holandesa, que, desde o século XIX, lidera esse mercado. Conforme se pode ler na página da gigante Vlisco: “Inspiradas em técnicas do Batik indonésio, industrializadas pelos holandeses e adotadas na África no século XIX”, o chamado Wax desafia qualquer possibilidade de essencialização. Em francês são chamados de pagnes, e a produção das fábricas holandesas e africanas vêm enfrentando, nos últimos anos, a competição do mercado chinês, que investe na substituição do algodão natural por fibras sintéticas.

Dilma trabalha como vendedora de Acará, à beira da estrada, na chamada Gare Routière de Godomey, onde motoristas de carros particulares organizam viagens de lotação: quatro pessoas atrás, duas na frente. A alegria de saborear o Acará, que no Benim é comido com peixe defumado, e tem uma forma mais redonda que o nosso Acarajé. “Acará jé” quer dizer: “coma acará, a bola de fogo, feita de feijão fradinho frito no óleo vermelho”.



6. A vendedora de Acará  
Acervo pessoal



7. A vendedora de inhame | Acervo pessoal

As mulheres dominam o comércio de alimentos, são elas que vendem tudo o que se come, raízes, frutas, verduras, cereais, laticínios, carnes, peixes. Quando paro para comer o inhame de Madame na travessia de barco pela região das lagoas, lembro do episódio contado por João José Reis, da greve das negras de ganho em 1857 na Bahia, quando faltou comida na mesa da Casa Grande (Reis, 2019). Penso no título honorífico de Yalodê, a dona do mercado na cultura Yorubá, entendendo a vida como um espaço de troca e o mundo como um grande mercado. E no poder que estas mulheres de fato têm, ainda que muitas vivam na precariedade e na opressão. Quando Ângela Davis esteve na Bahia disse: “quando uma mulher negra se move, movimenta toda a estrutura da sociedade com ela.” (Davis, 2017). De que modo a consciência dessa força e desse poder pode trazer paz e justiça para as mulheres negras, em África e na diáspora?

Eu saí de Salvador, a cidade mais africana dessa ficção chamada Brasil, e encontrei uma espécie de avesso da Bahia nessa viagem através do espelho. O jeito de corpo, de ombro, de cadeiras. O jeito de menear a cabeça e falar com as mãos. Chegar ao Benim é entender o corpo como lugar de inscrição de memória, de história e de ancestralidade (Martins, 2003). Encontrar rostos que nos deixam com uma sensação estranhamente familiar, de voltar para casa, mas encontrar as coisas mudadas.



8. Vodunsi sorri e pede passagem no Festival Internacional de Ouidah | Acervo pessoal



Em Cotonou, a imensa faixa de areia separa as partes ocupadas da praia e do mar. Pouquíssimas pessoas se banham, imagino que seja pela força intimidatória das águas neste trecho do litoral. A moça que passa carregando mercadorias na cabeça me transporta para as baianas do recôncavo e me perco olhando a linha do horizonte.



9. Quituteira em Fidjirossé | Acervo pessoal

O Benim, como uma República, com suas fronteiras geográficas e um idioma unificado, é um produto da colonização francesa. São muitos reinos, muitos povos e muitas línguas. Como já indagou Saidiya Hartman: “Não havia uma única África. Nunca existiu. Será que ‘África’ tornou-se um código cifrado qualquer, dado a um país perdido e que não pode mais ser nomeado?” (Hartman, 2020, p. 41) Assombrada por estes pensamentos apresento estas imagens sem a pretensão de que representem uma síntese “africana”. São instantâneos de experiências vividas nessa terra, um pequeno recorte de como olhei para o que vivi. Compartilhá-las faz parte do processo de elaboração dessa travessia atlântica, que me desarma e reorienta.

## REFERÊNCIAS

DAVIS, Angela. *Atravessando o tempo e construindo o futuro na luta contra o racismo*. Conferência proferida em 25 de julho de 2017 na UFBA. Disponível em: <https://x.gd/VrmEV>. Acesso em: 16 ago. 2023.

HARTMAN, Saidiya. *Perder a mãe: uma jornada pela rota atlântica da escravidão*. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2021.

MARTINS, L. *Performances da oralitura: corpo, lugar da memória*. Letras, [S. l.], n. 26, p. 63-81, 2003. DOI: 10.5902/2176148511881. Disponível em: <https://periodicos.ufsm.br/letras/article/view/11881>. Acesso em: 16 ago. 2023.

REIS, João José. *Ganhadores: a greve negra de 1857 na Bahia*. Rio de Janeiro: Companhia das Letras, 2019.